

O trabalho na construção das relações de comunicação: um estudo com jovens de escola pública¹

Alexandre Suenaga²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O seguinte artigo é resultado da pesquisa de mestrado realizada no PPGCOM-ECA-USP, intitulada “Os jovens e os sentidos do trabalho: pesquisa-intervenção em comunicação na rede pública de ensino”. A pesquisa teve como objetivo estudar os modos de viver e de se relacionar que os jovens constroem a partir dos sentidos que atribuem para a atividade de trabalho. Estabelecemos como base teórica o materialismo histórico dialético, a fim de ampliar o conceito de trabalho como atividade fundante do ser humano. O conceito de comunicação, a partir desta perspectiva, também passa por profundas transformações, não se limitando aos meios de comunicação e suas técnicas. As intervenções da pesquisa foram acolhidas pela Escola Estadual Maria José localizada no bairro do Bexiga na cidade de São Paulo e as atividades foram desenvolvidas com jovens do terceiro ano do ensino médio.

Palavras-chave

Jovens; sentidos do trabalho; Binômio Comunicação e Trabalho; escola pública.

Introdução

A investigação de mestrado realizada no PPGCOM-ECA-USP, Os Jovens e os Sentidos do Trabalho – a qual este artigo é resultado – tomou como base principal de seu desenvolvimento a articulação teórico-metodológica abordada por Roseli Fígaro: o Binômio Comunicação e Trabalho. Esta pesquisa é parte de uma trajetória de investigações protagonizada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT ECA USP) que completa em 2017 vinte anos de atuação. Desde 1997, o CPCT vêm estudando o mundo do trabalho a partir do campo da comunicação com o entendimento que:

Estudar o mundo do trabalho e a atividade de trabalho por meio da linguagem e da comunicação dos sujeitos [...] é a maneira mais eficiente de se aproximar da realidade do trabalho, dos seus desafios, dos conflitos que permeiam seu ambiente; as dificuldades em gerir as impertinências

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP. E-mail: alexandresuenaga@gmail.com.

das condições de trabalho e de como tentar superá-las. (FÍGARO, 2008, p.126)

Diversas pesquisas já foram realizadas, demonstrando as múltiplas possibilidades de estudo deste binômio, alguns exemplos de espaços e realidades já exploradas são: o trabalho das operadoras de telemarketing³, as fábricas recuperadas e ocupadas por trabalhadores sob o modelo de autogestão⁴, as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas⁵, o trabalho dos profissionais da editoração⁶, as relações de trabalho em organizações da sociedade civil⁷, etc. Já com as questões provenientes da pesquisa que apresentamos neste artigo, uma nova inflexão é colocada sobre o Binômio Comunicação e Trabalho: a aproximação do campo da Educação, as intervenções na escola pública e os sentidos do trabalho a partir da perspectiva dos jovens estudantes do ensino médio.

De maneira sintética, Roseli Fígaro (2008, p.130) afirma que este Binômio possibilita estudar dois eixos: “[...] com o objetivo de melhor conhecer a atividade de trabalho, portanto do mundo do trabalho [...]” e “[...] melhor entender as relações de comunicação, o processo de comunicação, os sujeitos [...] da comunicação”. A investigação com os jovens de escola pública se ampara no segundo eixo, a partir da compreensão de que a criação de sentido para a atividade de trabalho é um processo social, de criação e exercício de valores. Neste processo – caracterizado pelo embate entre os discursos circulantes – o sujeito não escolhe apenas uma profissão, mas se enjuga em determinados modos de existir e de construir suas relações.

Para entender o porquê esta pesquisa parte das ciências da comunicação, é preciso ampliar os horizontes do que entendemos por comunicação, deixando de lado suas

³ SANTOS, Edilma Rodrigues dos. **Estudo de Recepção em Comunicação**: as representações do feminino no mundo do trabalho das teleoperadoras. 2011. 281 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

⁴ AZEVEDO, Júlio Arantes. **Centralidade da atividade de comunicação e de trabalho**: um estudo da comunicação em fábricas recuperadas por experiências autogestionárias. 2015. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

⁵ LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação**: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão. 2015. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os discursos dos Jornalistas Freelancers sobre o Trabalho**: comunicação, mediações, recepção. 2012. 273 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

⁶ PICCIARELLI JUNIOR, Sérgio. **As relações de comunicação no processo de produção na Gráfica Abril**: inovações, criatividade e reconhecimento do uso de si na atividade de comunicação e de trabalho. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

⁷ CAMARGO, Camila Acosta. **Os sentidos e as relações de trabalho em organizações da sociedade civil**: uma investigação a partir do Binômio Comunicação e Trabalho. Em andamento. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

concepções instrumentais e técnicas, para enxergá-la também como atividade ontológica que constitui o humano. Quando falamos em comunicação estamos fazendo referência direta à noção complexa de *relação* e à maneira singular como o ser humano desenvolveu sua consciência a partir da linguagem. Neste caminho, temos o auxílio das contribuições dos estudos de linguagem desenvolvidos por Leontiev (2004), Vygotski (2008), Schaff (1967), Baccega (2003) e Bakhtin/Volochínov (2010) e as discussões a respeito da comunicação desenvolvidas por Dominique Wolton (2004; 2010).

A escola foi o espaço de mediações fundamental a partir do qual estudamos a circulação dos discursos sobre o trabalho. A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual Maria José (EEMJ) localizada no bairro da Bela Vista, antigo Bexiga, na cidade de São Paulo.

O trabalho na perspectiva do materialismo histórico dialético

A concepção de trabalho sustentada por Marx e Engels remete aos primórdios da história da humanidade, pois diz respeito ao metabolismo que o ser humano estabelece com a natureza, a partir do qual ele humaniza a si mesmo e o mundo a seu redor. O trabalho é um dispêndio de energia que, em primeiro plano, visa a manutenção da vida: a busca por alimentos, moradia, vestimenta, etc. Para tanto, o ser humano aprimorou sua capacidade de manipular a matéria e de criar ferramentas. Satisfeitas suas necessidades primordiais, criaram-se novas necessidades. Neste sentido, a atividade de trabalho sempre está relacionada com a capacidade de criação, movimento e transformação. O ser humano “põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade [...]. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX, 2013, p.255).

Modificando a natureza e a si mesmo, o ser humano criou formas específicas de trabalhar. Uma das características do trabalho humano, cara a esta investigação, é que ele é iminentemente social. Ele nunca é um trabalho solitário, sempre se dirige ao outro. “No trabalho os homens entram forçosamente em relação, em comunicação uns com os outros” (LEONTIEV, 2004, p.92). Não é possível precisar o que veio primeiro, o trabalho ou a comunicação, ambas são atividades que se complementam e que constituem o ser humano, formando assim um binômio.

Outro ponto extremamente relevante que extraímos do materialismo histórico dialético é o entendimento do trabalho como atividade reflexiva, de busca por reconhecimento e de criação de sentido para existência. Em outras palavras, no processo de trabalho o sujeito cria condições para reconhecer a si mesmo como corpo dotado de uma determinada potência e atuante no mundo, que vive e que se relaciona com outros corpos. “O processo da *criação*, do ponto de vista do homem, é, pois, um processo de autocriação” (SCHAFF, 1967, p.76). Por meio de sua atividade material, o ser humano cria a capacidade de tornar-se objeto de sua própria reflexão, tornando-se, dessa forma, um ser histórico. É por isso que Marx e Engels insistem na *Ideologia Alemã* (2007) que não se deve “[...] explicar a práxis partindo da ideia [...]”, como faziam os ideólogos alemães de sua época, mas sim “[...] explicar as formações ideais a partir da práxis material [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 43).

É por meio do trabalho que o ser humano produz a vida, no entanto, não há apenas uma maneira de fazê-lo. Ao falar em *modos de produção*, Marx e Engels faziam menção às diferentes possibilidades de se produzir a vida em sociedade. A mudança nas condições de trabalho influencia diretamente a maneira como os sujeitos experienciam a vida e suas relações com o mundo. “O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX; ENGELS, 2007, p.87). Neste sentido, ao colocar o modo de produção capitalista em questão, o que Marx e Engels desejavam era compreender que tipos de relação este modo específico de produção cria e como seria possível pensar uma sociedade diferente, em que as relações de trabalho não estivessem ancoradas na exploração e na extração de mais valia, em que o sistema de metabolismo social não dependesse da desigualdade, em que o trabalho não fosse uma atividade alienada, e sim exercida em sua máxima potência, criando conexão entre os sujeitos e entre estes e o mundo.

Linguagem na constituição da consciência

Uma relação dialética infindável se estabelece entre o contexto histórico material e os indivíduos que nele estão inseridos: as condições materiais de produção da vida influenciam diretamente a constituição corporal e subjetiva dos sujeitos, ao passo que estes, por meio de sua atividade de trabalho, também transformam o contexto, impulsionando, dessa forma, o

motor da história e a sucessão das gerações. Em outras palavras, “[...] o homem se transforma e se cria ao modificar as suas condições de existência” (SCHAFF, 1967, p.78).

Para estudar esta relação, alguns autores se debruçaram sobre a questão da linguagem, a partir do entendimento de que as formas específicas de trabalho desenvolvidas pelo ser humano criaram formas específicas de psiquismo. Assim, a definição de linguagem a partir do materialismo histórico dialético está intimamente relacionada com a noção de trabalho, uma vez que, “a produção da linguagem como da consciência e do pensamento, está diretamente misturada na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens” (LEONTIEV, 2004, p.93).

A consciência humana e sua maneira específica de se comunicar e de se relacionar se origina a partir da necessidade, da sobrevivência. É o que Vygotski afirma ao postular que: “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho” (2008, p.7).

A partir desta perspectiva, não existe consciência anterior à linguagem. A linguagem é condição e exercício para o florescimento da consciência. Sendo assim, a língua não é uma atividade abstrata, pois está diretamente relacionada com as condições materiais e não pode, dessa forma, ser reduzida ao sistema das normas gramaticais. A língua é viva, está em constante transformação, assim como a consciência. A comunicação assume uma posição central e indispensável neste jogo, pois é no seu exercício que o ser humano cria sentido para existência. “Não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 2010, p.123). Por isso, Baccaga observa que a “capacidade de produzir novas ações, novas significações” está diretamente relacionada com a capacidade de criar “novas palavras” (2003, p.6).

Se a linguagem é indissociável do processo histórico do ser humano, tampouco pode ser separada das contradições e conflitos que permeiam a realidade social. Em outras palavras, a língua não é neutra, “em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes [...]. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel” (BAKHTIN, 2010, p.47).

O estudo da linguagem não deve partir, portanto, das estruturas gramaticais, mas sim de seu uso cotidiano pelos sujeitos vivos, a partir do qual eles atribuem sentido para suas atividades. Assim, falamos de um “sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, as crenças de um grupo social” (BRANDÃO, 2012, p.26) e faz menção ao contexto macrosocial no qual ele está inserido.

Comunicação para além dos meios

Ao conceituar trabalho e linguagem fazemos menção à constituição do humano, seu processo sócio-histórico e suas maneiras específicas de se relacionar com o mundo. Com a comunicação não é diferente, na realidade, o Binômio Comunicação e Trabalho evidencia que não é possível pensar o trabalho sem pensar a comunicação, assim como não é possível pensar a comunicação sem o trabalho. “Isto significa que as ações do homem têm nestas condições uma dupla função: uma função imediatamente produtiva e uma função de ação sobre os outros homens, uma função de comunicação” (LEONTIEV, 2004, p.92).

No entanto, por diversas vezes, ao longo da história das ciências, a comunicação foi tratada como sinônimo de informação e de meios de comunicação. Diante do fetichismo tecnológico, parece absurdo tocar na palavra comunicação sem associá-la às novas mídias sociais, ao universo dos smartphones e aplicativos, aos fascínios da internet, da sociedade em rede, etc. Dominique Wolton procura questionar esta ideologia tecnicista, para abordar a comunicação como relação e como exercício da coabitação. Em sua obra *Informar não é comunicar* (2010), Wolton busca diferenciar estes dois processos que, por vezes, são tratados como equivalentes: “a informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa” (2010, p.12). Neste sentido, é possível viver em uma sociedade abundante em informação, mas com pouca comunicação. O aprimoramento das tecnologias não necessariamente contribui para a solução dos problemas mais profundos das relações sociais. Na realidade, assistimos a emergência de uma subjetividade preocupada com a velocidade das trocas, com o direito à expressão, marcada por individualismo profundo em que a figura do *outro* e da coletividade pouco têm espaço.

Este é o ponto mais crítico da ideologia tecnicista, fazer acreditar que as distâncias estão sendo suprimidas e que as contradições sociais podem ser resolvidas por meio da técnica, quando, na verdade, é justamente a instrumentalização das relações que, de fato,

acentua os mesmos problemas que diz solucionar. A sociedade da informação não contribuiu para a diversificação das visões de mundo e dos modos de existir, o sujeito globalizado não possui uma capacidade de ação equivalente à quantidade de informação que acumula.

Não propomos, com esta problematização, o abandono do estudo dos meios e das técnicas. O que se busca é a ampliação do que entendemos por comunicação, atividade que também engloba os instrumentos. *Destecnologizar* a questão da comunicação, significa trazer de volta para o debate “[...] a história, a política e a cultura” (WOLTON, 2010, p.89).

A Comunicação é “antes de mais nada, uma *experiência antropológica* fundamental [...]. Comunicar consiste em compartilhar com o outro. Simplesmente não há vida individual e coletiva sem comunicação” (WOLTON, 2004, p.30). A criação de sentido para a existência nunca é uma experiência realizada de maneira solitária, ela sempre nos remete ao outro como alteridade. É um processo de apropriação da realidade, no qual nos reconhecemos e a partir da qual podemos elaborar e buscar compreender a vida em sociedade. Estudar a maneira como os sujeitos criam suas relações nos permite ter um panorãma do contexto social no qual eles estão inseridos, observando que existem “[...] diversas formas de sociabilidade, constituídas no cotidiano e que remetem a mudanças na sensibilidade e na subjetividade dos atores” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p.68). Neste sentido, o campo da comunicação se vê diante do desafio de “repensar não só o uso dos meios senão a estrutura mesma da comunicação, partindo não de puros conceitos comunicativos, mas de modos de viver” (MARTÍN-BARBERO *apud* SOUSA, 1995, p. 35).

Os jovens e os sentidos do trabalho

Estudar os sentidos do trabalho a partir da perspectiva dos jovens estudantes de escola pública foi o recorte metodológico com o qual trabalhamos para adicionar mais um prisma na análise do mundo do trabalho e suas transformações. “As expectativas e as atitudes com relação ao trabalho [...] são uma dimensão privilegiada para apreender a crise e a mutação das referências culturais entre os jovens” (BAJOIT; FRANSSSEN, 1997, p.76).

A escolha do campo partiu de um levantamento das escolas públicas da cidade de São Paulo de acordo com as diretorias regionais de educação. Entramos em contato, de maneira aleatória, com a diretoria e coordenação de cada escola para verificar o interesse em participar da pesquisa. Fomos acolhidos pela Escola Estadual Maria José (EEMJ) localizada no Bexiga que, apesar de ser um bairro localizado na região central da cidade, vivencia a dualidade centro/periferia, de acordo com sua constituição histórica como um bairro de imigrantes pobres e de classe operária.

Optamos por trabalhar com os estudantes do terceiro ano do ensino médio, visto que estes estão vivenciando uma fase mais marcada pelas exigências do mercado de trabalho, como a escolha profissional e a continuidade dos estudos. A fim de construir uma abordagem qualitativa, realizamos as intervenções com duas turmas, uma de cada período (matutino e noturno), em encontros que ocorreram durante o turno regular de aulas e que se estenderam por mais de um semestre com periodicidade semanal, exceto pelo período de greve dos professores. Durante os encontros, utilizamos diversos materiais e dispositivos que serviram de elementos disparadores das discussões: imagens, vídeos jornalísticos, anúncios publicitários, documentário, desenhos, manuais, dinâmicas em grupo, etc. Até a mudança da sala de aula para o auditório da escola em alguns encontros tornou-se um elemento que modificou a maneira como as atividades da pesquisa se desenrolaram.

As intervenções foram registradas em diário de campo e as discussões com os jovens abrangeram uma variedade de temas, entre eles: o que eles entendem por trabalho e comunicação, os discursos hegemônicos sobre o trabalho, o trabalho como capacidade de criação, o trabalho como vocação ou como construção, as perspectivas futuras sobre o trabalho, a relação entre escola e mundo do trabalho. Além dos temas colocados pelo pesquisador, buscamos também privilegiar no programa temas que interessavam os jovens e que estavam relacionados às suas expectativas em relação à pesquisa. Colocamos em pauta as dúvidas dos estudantes em relação ao ensino superior, o vestibular, ensino técnico, cursinhos populares, universidades públicas, ENEM, etc.

Além de trabalho e comunicação, outras temáticas atravessaram os encontros como as questões de gênero, raça e as lutas políticas. Os estudantes tiveram a oportunidade de debater a greve dos professores da rede estadual que durou por volta de 3 meses e, além disso, realizamos visita à ocupação dos estudantes contra a reorganização escolar, em novembro de 2015. Todas estas vivências contribuíram para a aproximação da cotidianidade dos jovens e para os sentidos que estes criam para a atividade de trabalho.

De maneira geral, os jovens da EEMJ, tanto os estudantes do período matutino quanto do noturno, já estão inseridos no mercado de trabalho, sendo suas primeiras experiências ainda quando crianças, entre os 8 e os 12 anos de idade. Atualmente, estes jovens exercem funções precárias para auxiliar suas famílias e aumentar seu poder de consumo. O trabalho ocupa em suas vidas uma posição contraditória e paradoxal, ele é uma atividade de sacrifício e exploração, mas também se apresenta em seus discursos como possibilidade de realização pessoal e busca por identidade.

Assim, notamos que a noção de subjetividade defendida por Baccega se confirma ao analisar os sentidos do trabalho: ela é “[...] o resultado da polifonia, das muitas vozes sociais que cada indivíduo ‘recebe’ e tem a condição de ‘reproduzir’ (paciente) e/ou de reelaborar (agente)” (2003, p.22). Isso significa que não é possível definir um sentido único que os jovens atribuem para o trabalho, o que buscamos é colocar em circulação os diversos sentidos que os atravessam. Já tratamos que a consciência não é pré-existente à linguagem, sendo assim, não tínhamos o intuito de ir à campo para estudar os discursos que revelavam a ideia que jovens já possuíam sobre o trabalho, mas a própria pesquisa serviu de espaço de circulação dos discursos e de construção de sentido.

Dessa forma, os resultados da pesquisa se apresentaram muito mais em contradições e conflitos dos sentidos do trabalho, do que em uma univocidade linear. Por um lado, ao discutir o que é trabalho com os jovens, notamos que estes apresentavam uma compreensão ampla e complexa dessa atividade, pois não restringiam o trabalho ao âmbito do emprego e da atividade remunerada. Alguns exemplos de falas que demonstram este aspecto são:

“Eu acho que cuidar da casa é um trabalho mais duro do que muitas profissões, mesmo assim não é valorizado”

“Por exemplo, professor: eu sou jogador de futebol, jogo lá no Corinthians, mas muita gente fala pra mim que isso não é trabalho. Que eu tenho que procurar uma coisa séria pra fazer. E eu não concordo, pra mim é um trabalho sim!”

“Perguntei a um aluno que estudava música se ele considerava essa atividade um trabalho. Ele disse que sim, que apesar de ainda não ganhar dinheiro, estudar música e tocar com a banda são atividades que ele gosta de fazer e que pretende seguir como carreira.”

Em outros dois encontros, o primeiro no qual colocamos em discussão as relações entre trabalho e comunicação e o segundo no qual assistimos trechos do documentário Lixo Extratordinário (WALKER; JARDIM; HARLEY, 2010), os alunos relacionaram o trabalho à noção de coletividade.

“pra trabalhar as pessoas precisam se comunicar!”

Sobre o documentário uma aluna comenta: *“Eu achei bonito porque apesar de todos estarem em uma situação difícil, eles não deixam de pensar uns nos outros”*

“Professor, achei isso muito bonito. Eu também já trabalhei com uma coisa que eu tinha vergonha de mostrar para os outros. No ensino fundamental eu vendia batata frita na rua e eu morria de medo que alguém da escola me visse. Hoje eu vejo que isso é besteira, que é um trabalho digno como todos os outros. Que nem a catadora assumiu para família que trabalha no lixão, acho que a gente tem que valorizar o próprio trabalho”

Por outro lado, notamos que “o modelo tradicional de trabalho é ainda bem presente e desejável para muitos jovens, mesmo tendo-se tornado mais ou menos difícil de praticar” (BAJOIT; FRANSSEN, 1997, p.79). Em um dos encontros, pedimos para que eles descrevessem com palavras o que consideram “uma vida boa”, a palavra mais citada e repetida várias vezes foi “dinheiro”, seguida de “poder”, “reconhecimento”, “conforto”, “estabilidade”. Este e outros exemplos nos levaram a observar que a ideologia neoliberal está muito presente em seus discursos sobre o trabalho, a partir de diversos aspectos: a redução do trabalho à noção de emprego, o imperativo de consumo, o modelo de sucesso *self-made-man*, a individualização das trajetórias profissionais na qual o sucesso ou o fracasso depende unicamente do indivíduo, etc.

Notamos, dessa forma, que a atribuição de sentido para o trabalho não é processo simples, nele o sujeito é obrigado a lidar com conflitos sociais que o extrapolam, com um emaranhado complexo que diz respeito ao legado histórico que ele carrega e às condições materiais que encontra. Um dos aspectos mais violentos da ideologia neoliberal está no fato de que, embora o sujeito não possa se desvincular dessas contradições e conflitos sociais, ainda é preciso experienciá-los a partir de uma ótica individualista, na qual: *“quem quer*

consegue”, “*se correr atrás, tudo é possível*”. O fracasso econômico, social, político e as precariedades do sistema capitalista deixam de ser vistos como macro-realidades e passam a ser assumidas como dívida que os sujeitos carregam sozinhos. Nesta lógica, tornar-se empresário de si mesmo “[...] não significa senão ser compelido a gerenciar salários e rendas declinantes, precariedade, desemprego e pobreza” (LAZZARATO, 2014, p. 15). Aos jovens são prometidas carreiras de sucesso, realização profissional, “você pode ser o que você quiser”; ao passo que em sua realidade material o sonho serve apenas para sustentar a exploração. Assim, parece compreensível o porquê os jovens participantes da pesquisa descrevem suas expectativas em relação ao trabalho com as palavras “*medo*”, “*ansiedade*” “*despreparo*”, “*cobrança*” e “*confusão*”.

“Acho que eu fico ansiosa porque parece que tem uma resposta certa que a gente precisa encontrar: qual é a melhor profissão para mim, em que lugar eu me encaixo mais”

“[...] só eu não decidi ainda”

“[...] me sinto muito despreparada”

Estudar os sentidos do trabalho a partir da perspectiva dos jovens foi a maneira que encontramos para colocar em evidência que as relações de dominação atuam de maneira sutil e eficaz ao não permitir que cada ser humano crie sentido para sua atividade de trabalho. Observamos que existe uma dimensão subjetiva indispensável para o debate a respeito dos modos de produção da vida e que não é possível produzir conhecimento neste campo sem aproximar-se da realidade dos sujeitos e da maneira como este criam suas maneiras de viver e de se relacionar.

Considerações finais

A partir desta investigação, foi possível notar o quão profícua é a aproximação do campo da Comunicação com a Educação no estudo do mundo do trabalho. Não é possível entender a luta de classes, a construção dos sentidos do trabalho, a circulação e o embate de

discursos e as relações de comunicação e de trabalho sem colocar em evidência o processo de formação dos sujeitos.

No entanto, muitas discussões no campo da Comunicação parecem desvalorizar a Educação. Fala-se da obsolescência do espaço da escola e que, na sociedade em rede, o jovem multiconectado educa-se não mais nas disciplinas ministradas em sala de aula, mas por meio seus *gadgets* e das mídias sociais. Esta visão parece alimentar uma percepção binária e simplista. A comunicação e a educação não são antagônicas, mas complementares. E, embora a escola tenha dividido sua influência formadora com outros agentes, ela ainda se apresenta como um espaço de mediações fundamental, no qual os jovens dispõem grande parte de seu tempo. Neste sentido, mesmo diante das inúmeras contradições que atravessam este espaço, ele não deve ser abolido ou rechaçado nas discussões, pelo contrário, aproximar os campos é abrir espaço para sua renovação e para emergência de novas problemáticas, de outras perspectivas.

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 2003.

BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, Nº5 e Nº6, p.76-95, maio-dezembro, 1997.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e Construção de Sentido. In FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

FIGARO, Roseli. Atividade de Comunicação e Trabalho. In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. V.6, n.1, p. 107-145, mar./jun. 2008.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. Trad. Paulo Domenech Oneto e Hortência Lencastre. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo/n-1 edições, 2014.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

SCHAFF, Adam. **O Marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VYGOTSKI, Lev Samenovitch. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WALKER, Lucy; JARDIM, João; HARLEY, Karen. **Lixo Extraordinário**. [Filme-vídeo]. Produção de Angus Aynsley e Hank Levine, coprodução de Peter Martin, direção de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley. Reino Unido/Brasil, 2010, 94min.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.